

Devir-Pele: *performances que rasuram currículos*

Becoming-Skin:
performances that cross out curricula

Devenir-Piel
performances que tachan currículos

 **ANA CAROLINA JUSTINIANO***

Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna – BA, Brasil.

 **CARLOS EDUARDO FERRAÇO****

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória – ES, Brasil.

RESUMO: Este artigo pensa a performance no campo da educação como invenção de um currículo cujas criações fazem surgir uma nova pele e se constituem como efeitos das insurreições que desfazem versões oficiais. Discute a possibilidade de trazer a criação como pele, forjando existências fugidias e provisórias, e problematiza performances *cotidianas* como processos marcados pela infinitude imanente à vida, com o intuito de ventilar o pensar sobre currículos nos cotidianos. Explora criações e movimentos que rasuram o currículo de uma escola pública pela performance como pele criada, como lugar de desdobramento e criação. Os movimentos desta pesquisa cartográfica evidenciam nascedouros e movimentos criantes de uma escola pública de Ensino Médio de Serra, na Grande Vitória. As performances cotidianas se fazem quando seus movimentos desafiam a representação imposta à educação por vias políticas estranguladoras e ressalta a força política da escola pública na criação de performances que se inventam

* Doutorado em Educação. Professora na Universidade Federal do Sul da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos. *E-mail:* <anac.justiniano@gmail.com>.

** Doutorado em Educação. Professor aposentado na Universidade Federal do Espírito Santo e professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista de Produtividade de Pesquisa 1-D do CNPq e Líder do Grupo de Pesquisa Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos. *E-mail:* <ferraco@uol.com.br>.

em diversos contextos, potencializando a criação como forma de resistir coletivamente.

Palavras-chave: Currículo. Performance. Devir. Criação.

ABSTRACT: This article considers performance in the field of education as the invention of a curriculum whose creations give rise to a new skin and constitute the effects of the insurrections that undo official versions. It discusses the possibility of creation as a skin, forging fleeting and provisional existences, and it problematizes everyday performances as processes marked by the immanent infinity of life, aiming to ventilate thinking about curricula in *daily life*. It explores creations and movements that cross out the curriculum of a public school through performance as a created skin, as a place of unfolding and creation. The movements of this cartographic research highlight the origins and creative movements of a public high school in Serra, in the region of Greater Vitória/ES. Everyday performances take place when their movements challenge the representation imposed on education through strangling political means and they also highlight the political strength of public schools in creating performances that are invented in different contexts, enhancing creation as a way of collectively resistance.

Keywords: Curriculum. Performance. Becoming. Creation.

RESUMEN: Este artículo considera la performance en el campo de la educación como una invención de un currículo cuyas creaciones dan lugar a una nueva piel y constituyen los efectos de las insurrecciones que deshacen las versiones oficiales. Discute la posibilidad de traer la creación como una piel, forjando existencias fugaces y provisionales, y problematiza las actuaciones *cada día* como procesos marcados por la infinitud inmanente a la vida, con el objetivo de ventilar el pensamiento sobre currículos en la vida cotidiana. Explora creaciones y movimientos que tachan el currículo de una escuela pública a través de la performance como piel creada, como lugar de despliegue y creación. Los movimientos de esta investigación cartográfica resaltan los orígenes y movimientos creativos de una escuela secundaria pública en Serra, en la Grande Vitória. Las performances cotidianas tienen lugar cuando sus movimientos desafían la representación impuesta a la educación a través de medios políticos estranguladores y resaltan

la fuerza política de las escuelas públicas al crear performances que se inventan en diferentes contextos, potenciando la creación como una forma de resistencia colectiva.

Palabras clave: Currículo. Performance. Devenir. Creación.

Devir-pele-uma-vida

Esta é uma escrita sobre as forças movidas por invenções cotidianas que desenham uma potência criadora e anunciam um universo aberto à pluralidade de mundos. Exploramos aqui o inventar que surge da agitação de uma¹ vida, das escolas, dos currículos, e percorremos o que excede, o que faz suportar e o acontecer de uma educação que inventa saídas, produz respiros, rasura uma pele para pensar sobre um currículo possível operado pela potência política da rasura, rabiscado por corporeidades e performances que fazem nele uma nova pele, por onde a diferença possa deslizar: devir-pele.

O devir-pele de uma vida não faz referência a um modelo pré-concebido: “O Uno é sempre o índice de uma multiplicidade: um acontecimento, uma singularidade, *uma vida*” (DELEUZE, 2002, p. 14). Então, a indefinição característica de *uma vida* nos faz pensar que os corpos povoam e compõem movimentos infinitos em permanente atualização nos cotidianos e ultrapassam os limites das formas estabelecidas:

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. (DELEUZE, 2002, p. 14).

Devir-pele é cada existência que se inaugura e se esvanece ao mesmo tempo, na imanência de *uma vida*. Diante da ameaça do fascismo e da onda conservadora que se iniciou no golpe de 2016³ e com a instauração de políticas de totalização e controle que tentaram conter a proliferação da diferença,⁴ é vital destacar movimentos curriculares de performances que, ao transitarem entre dureza e transpiração, fazem uma nova pele, pela criação. Arriscamos, então, pensar as performances como criações que nascem quando seus movimentos desafiam a representação que se impõe à educação por meio de políticas estranguladoras. A força política das performances que se inventam em diversos contextos nos cotidianos faz da criação uma forma de resistir coletivamente, evidenciando nascedouros e movimentos criantes em revide à névoa conservadora que ronda a educação.

Portanto, é premente evocar a necessidade de criar saídas diante das incessantes tentativas de retirada do fôlego e das guerras travadas contra uma vida e destacar processos inventivos como máquinas de guerra nômades (DELEUZE & GUATTARI, 2012c) para desarranjar o processo conservador de antiprodução contra o jogo das homogeneizações.

Este artigo aposta no movimento nômade que se estende às escolas e aos currículos. Todavia, seguimos aqui com a intenção de *pensar* com Gilles Deleuze:

O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a Filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de erguer e estabelecer a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar. As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação são as mesmas: destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 2009, p. 203).

A partir das forças e violências que o pensamento sofre e das novas formas de insurreição vital, emergem novos dispositivos que são permanentemente inventados. Buscamos, então, explorar variações minúsculas, o devir minoritário (DELEUZE & GUATTARI, 2012b) de todos/as e de cada um/uma para pensar na criação de vidas que se formam na contramão da serialização e das territorializações impostas constantemente. Como resposta às tentativas incessantes de endireitamento, vemos nas performances cotidianas uma espécie de potência da invenção, um devir-pele.

Para além de um conceito fixo de performance, tentamos pensar na possibilidade de trazer a invenção como pele que forja existências fugidias e provisórias. Problematisamos neste artigo *performances* como processos ambulantes marcados pela infinitude imanente a *uma* vida, com o intuito de ventilar o pensar sobre currículos que se inventam nas incorporeidades e vazios produzidos nas clandestinidades das criações.

Nossa aposta é que as performances ensejam novas criações, novos possíveis (DELEUZE & GUATTARI, 2010) que conferem incorporeidades ao acontecimento, (DELEUZE, 1974) dando-lhe *uma* vida (DELEUZE 2002), produzindo universos possíveis que dão vazão a existências–outras e que são pertencentes ao mundo das sensações, dos ‘afectos’ e dos ‘perceptos’ (DELEUZE & GUATTARI, 2010) que excedem *uma* vida. Abrir e explorar poros. Com os possíveis, consideramos o assombro da linearidade como potencial para novos universos e territorializações que arejam as vidas com brisas para além das dicotomias que insistem em reviver nos entrecruzamentos de trajetos repletos de tentativas constantes de golpeamento e aprisionamento.

Currículos-pele e cotidianos escolares

Desafiamos, então, a pensar as performances como invenção, para além das estabilizações e representações que delimitam mundos e pensamentos: pensadas como invenção de *uma* pele, elas invocam o movimento, a diferença e o devir. Nesse sentido, são os movimentos e os processos inerentes à potência de micro insurreições e erupções que compõem

os cotidianos e que, por serem da ordem do imprevisível, não podem ser enclausuradas em denominações hierárquicas e essencialistas. Não se personificam em falas, mas podem insurgir delas. Invenções que podem partir da criação oriunda de um pensamento, de um movimento, de uma coletividade ou mesmo de um silêncio inquietante.

Assumindo a cartografia como o que “implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas” (DELEUZE, 2003, p. 56), pensamos que cartografar em educação produz dilaceramentos que recortam espaços de um determinado campo. Implicada sob uma pesquisa em educação, a cartografia nos possibilita percorrer o pulsar de *uma* vida e seus movimentos nas escolas. Apostamos na conversa como elemento de enredamento (CARVALHO, 2009) que acontece com participação ativa em um movimento ético, político e estético tecido coletivamente pelas vivências em diversos espaços e tempos da escola. A produção de dados que originou este texto priorizou redes de conversações com educadores/as de uma escola pública de Ensino Médio da Grande Vitória, ES. O uso de conversas em nossas pesquisas tem sido uma aposta política na produção de encontros com sujeitos/as da escola, no sentido de potencializar movimentos de criação que produzem currículos em meio a conversas tecidas durante atividades de diferentes disciplinas e professores/as no cotidiano da escola.

Nas sinuosidades desta pesquisa, cartografamos processos de criação na leitura e na escrita. Em nossas conversas pela escola, o professor nos fala da possibilidade de trabalhar a tradução por meio das escritas indígenas do povo Kotiria, de forma que os/as alunos/as possam visitar uma cultura, ler e reescrever narrativas a partir das suas próprias perspectivas, podendo utilizar qualquer língua e meio semiótico.

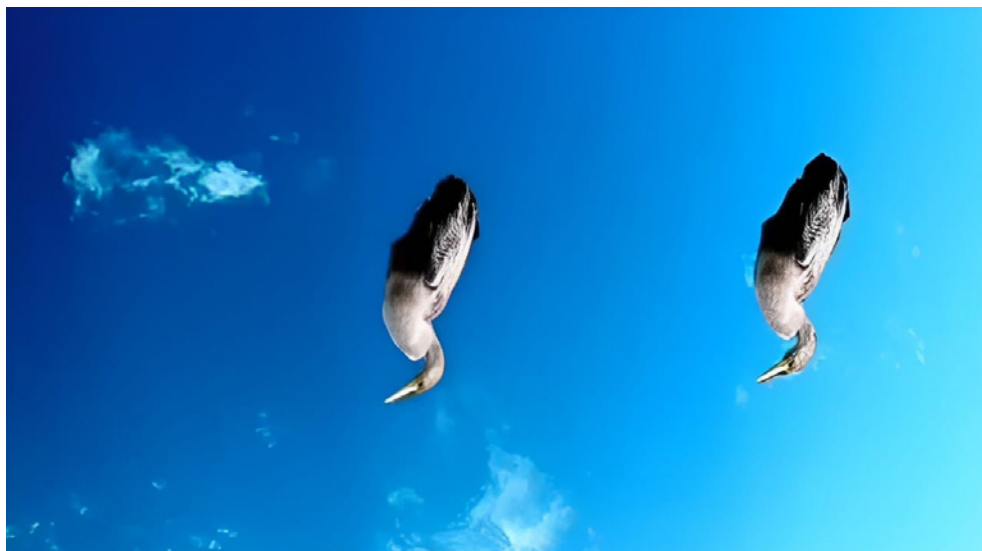
Figura 1: Uma nova pele: jornal produzido a partir das leituras de estudantes



Fonte: Arquivo de pesquisa, 2019.

“Imaginar outros mundos, ler pela narrativa indígena... isso também é tradução. Ele tem que imaginar, viajar, conhecer. A gente pode muito mais do que uma interpretação de texto que a Base quer. [...] Tem muitas formas de trabalhar a leitura. A partir de uma leitura eles criam uma dança, uma peça, imagens de animação. É um jeito de viajar pra onde nunca ninguém foi. Só o céu já dá uma paisagem. Não é lindo?” (fragmentos de conversa com o professor, 2019).

Figura 2: Animação produzida a partir da leitura de escritas do povo Kotiria



Fonte: Arquivo de pesquisa, 2019.

Tocar outras peles e mobilizar signos que nos ajudam a pensar na potência da performance como criação de mundos potencializa o surgimento universos possíveis. A força de movimentos curriculares se inventa em todos os contextos, no cotidiano de uma escola, em sua relação com os múltiplos espaços-tempos que constituem a imanência, delineados por zonas de intensidade, limiares, fluxos e potências que deslocam o viver para além de sobreviver, potencializando a criação e redesenhando formas de resistir coletivamente. Produzem-se então, novos fôlegos, novos possíveis a partir dos encontros, forças que escorrem das alianças, do devir, do acontecimento. Partimos da proposição de que os cotidianos podem nos dar pistas de acoplamentos produzidos principalmente em meio a forças conservadoras – que tentam incessantemente reduzir a existência a uma “vida besta” (PELBART, 2003)⁵ – e nos inspirar com seus movimentos-peles-criações inesperadas.

Devir-pele é resistir em resposta às forças supressoras que escamoteiam a potência da pessoa comum. A busca por fôlego é uma aposta em uma vida política que desafia

formas do poder sobre a vida e acaba por criar planos de existência ambulantes. A criação, em seu sentido mais importante e livre, é a criação de problemas (DELEUZE, 2013). Portanto, a nossa premissa é que ela pode partir sobretudo da pessoa comum; assim, afirmamos a criação como uma das mais poderosas formas de resistência (DELEUZE, 2013). Assumimos que criar é um modo de continuar existindo diante das forças que tentam engessar a diferença. Destacamos a afirmação da vida política por natureza e dotada de uma energia que nos arrasta a pensar que, cotidianamente, as variações nos currículos, ainda que mínimas, ensaiam formas outras de criação como resistência:

Criar não é comunicar, mas resistir [...]. Escrevemos em relação a um povo que virá, que não tem língua [...]. O ato de resistência tem duas faces: é humano e é também o ato da arte [...] somente o ato de resistência resiste à morte, seja na forma de uma obra de Arte, seja na forma de uma luta dos homens (DELEUZE, 1987, p. 14).

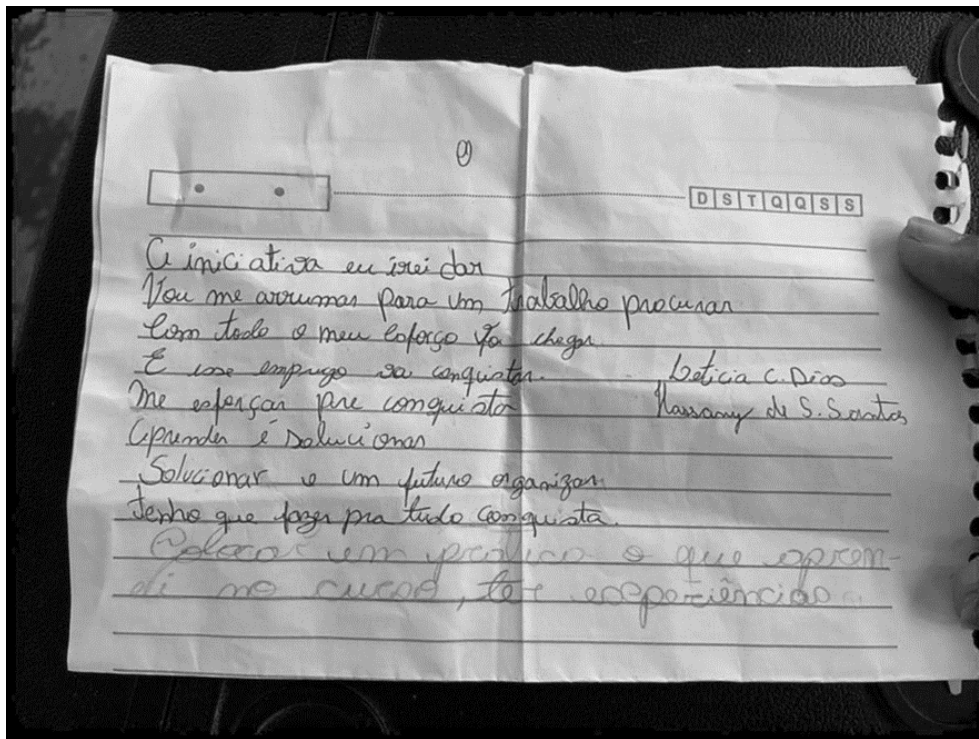
Acompanhamos em nossas pesquisas as criações, performances e invenções que movimentam o pensamento e resistem às formatações pré-estabelecidas para os currículos, quando, por exemplo, alunos/as criam e leem suas poesias na quadra da escola:

Figura 3: Produzindo peles: poesia



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

Imagem 4: Uma nova pele-poesia escrita pela aluna



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

Pensadas como a produção de uma nova pele e potência de vida, as performances cotidianas e suas intensidades se emaranham nas relações curriculares, multiplicam-se em linhas, assumem formas de organização novas e são atravessadas por forças em um campo múltiplo de produção de desejos e afirmação das vidas que desafiam e rasuram as imposições.

Assim, pluralizamos o termo performance para enfatizar a multiplicidade vital de resistência às tutelas impostas pela política maior. Pluralizar como forma de conceber *uma* vida que está, definitivamente, politizada,⁶ apropriada pelo poder e, contudo, insiste em existir de outras formas. São saídas, nomadismos, escapes, movimentos de resistência plurais imprevisíveis que se conjuram na conexão emaranhada entre poder e resistência como criação.

Suspeitamos que há, sempre, a chance de novas conexões com as subjetividades que escapam por todos os lados e que criam novas formas e potências de vidas que, por algum arrasto, em algum momento, não se contêm e explodem em novos modos de existência.

Na esteira do pensamento de Michel Foucault, entendemos o poder como uma relação que existe em meio a campos de forças manipuladas, calculadas, recalculadas, mas também por forças imprevisíveis e acreditamos que há sempre uma saída ali presente.

Ao falarmos sobre vidas que rasuram os currículos formatados das escolas, falamos de deslocamentos, do poder de afetar e ser afetado em vidas que se pulverizam, se tornam clandestinas e se alastram. Falamos de relações atravessadas por afetos e cooperações quando surge uma inversão de poder sobre a vida.

Pensamos as performances inventadas todos os dias como atravessamentos, escapes, colaborações de corpos em fluxos com outros corpos em um nível de forças de intensidades resultantes de tensões e estranhamentos. São performances constituídas por esgarçamentos em um jogo intrincado de um poder que se esparramou pela vida, ocupando suas muitas instâncias, mobilizando suas eventualidades e produzindo atualizações em uma nova pele que faz outros mundos.

Interessa-nos pensar a performance para além de um conceito: como criação ligada ao acidente, como uma potência de pensar no que se produz, nas alianças, nos acoplamentos, nos nascedouros que desenham novas paisagens nas escolas expandindo uma vida e criando mundos possíveis. Movem-nos os movimentos e os processos inerentes à potência dos encontros e das erupções que compõem os cotidianos. Movimentos que são da ordem da invenção, fugidios, incorpóreos, formados pelos rasgos abertos nos currículos que inventam moda, como lemos nos fragmentos de conversa abaixo:

“Eu fico pensando até quando a gente tem fôlego para inventar moda na escola, mas é engraçado, eu falo que não vou mais me matar, e fazer só o que tem que ser feito, mas não tem jeito, é chegar aqui a gente é levado, isso é do professor, a gente reclama? Reclama, mas não se entrega e faz!” (Fragmentos de conversa com professores/as, 2019).

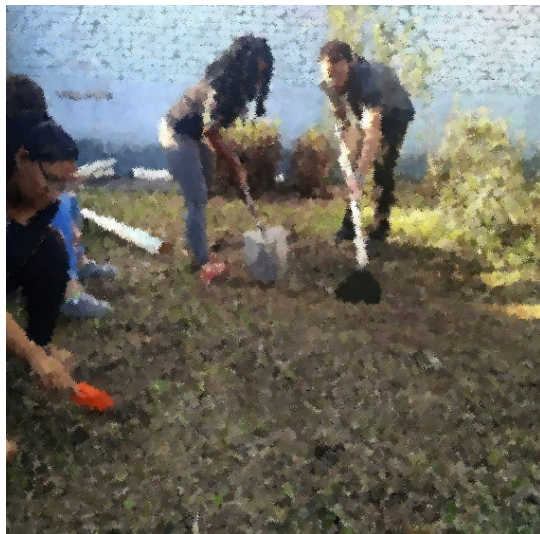
Figura 5: Descamando peles e fortalecendo espaços



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

“Era um espaço descuidado e pouco habitado. Com muito esforço e afeto, nasce a Hortilde. Um respiro, um frescor na escola. Repare bem: mudou muita coisa?” (Fragmentos de conversa com professores/as, 2019).

Figura 6: Tecendo novas peles



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

“Enquanto a gente capina junto, planta, a gente conversa e isso não deixa de ser uma forma de estudo, e isso não vem de lei nenhuma; vem da escola nossa de todo dia”.

“Por mais que haja planos, Base, diretrizes, planejamento, tudo se desfaz quando a gente chega e se encontra. Uma palavra, em uma sacada nova nasce em uma atividade como a Hortilde, nossa horta. Eu não preciso de Base; eu preciso de aluno” (Fragmentos de conversa com professores/as, 2019.

Figura 7: Uma nova pele: Hortilde



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

Figura 8: Peles possíveis

Fonte: Arquivo de pesquisa, 2019.

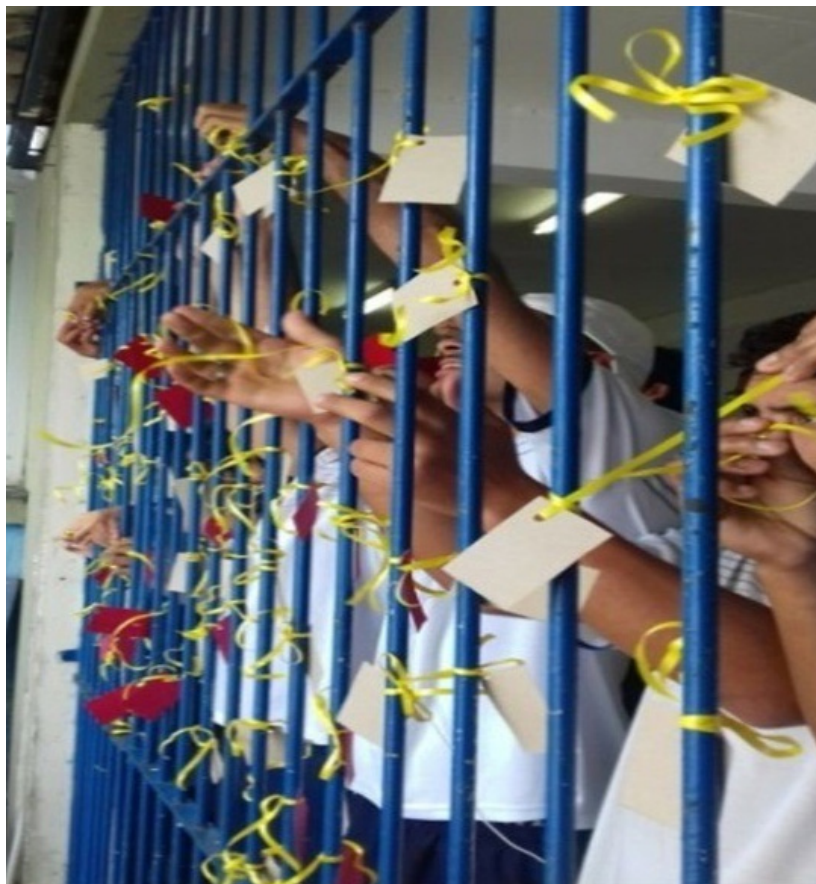
“E tem mais, a gente é muito decente, porque, por mais que tenha políticas e normas e todo ano chegue uma coisa nova, no fim das contas o que a gente fizer vai estar bom. Quando a gente tá em sala e vê o jeito deles olharem, se prepararem, eles esperam muito da gente. É muita covardia desse governo fazer o que faz com o ensino médio” (Fragmentos de conversa com professores/as, 2019).

Currículos-pele, resistências e invenções de mundos

Esses movimentos de invenção nos currículos evidenciam que não há um vazio a ser preenchido, nem uma desordem que tenha que se adequar a uma ordem estabelecida. Diferente e contrariamente das intenções prescritas e retrocessos que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e a Reforma do Ensino Médio projetam na educação, as criações produzidas cotidianamente nas escolas mostram movimentos que destituem a unidade que é, por si só, uma mistura e, portanto, impura. Devir-pele, assim, é criar poros curriculares, saídas e escapes.

Devir-pele é navegar pelos currículos, linhas dissonantes que só se atualizam por criações que não têm a semelhança como regra, mas que operam por divergência. No entanto, é importante evocar a potência da diferenciação como criação (DELEUZE, 1999) para problematizar constantes atualizações e ressaltar vidas que não operam por metas nem por direções pré-existentes, mas por linhas que são criadas no percorrer da vida, ou seja, linhas desviantes, que criam variações.

Figura 9: Performances cotidianas: o varal de sonhos



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

As performances cotidianas acontecem nos vazamentos de mundos possíveis e inacabados diante das totalizações que procuram enquadrá-los a modelos. Tentamos ventilar as questões e as virtualidades que se atualizam nos currículos para perceber que a diferenciação não é negativa, mas essencialmente *positiva e criadora* (DELEUZE, 1999). Vemos, com as performances, a chance de cartografar atualizações que germinam vidas embrionárias e mobilizar um pensamento na educação que destaque o inacabamento próprio da vida. Pensamos que é vital, no âmbito da educação, pensar na indeterminação:

enxergar seres que estão por nascer. A experimentação que deveria ser seu direito, na aposta em sua indeterminação, sem coibi-los ou apenas domesticá-los, sem insensibilizá-los para tudo aquilo que não serve a nossos desígnios de poder, de pressa, de produtividade, de institucionalidade, com todas suas blindagens e formatações e soluções prontas (PELBART, 2003, p. 12).

Performances, porque não designam. Cotidianas, porque as entendemos como produzidas e potencializadas pela força do encontro com o que arromba o pensamento. Provocadas pelo pensamento violentado, as performances são da ordem do involuntário, produtoras de germens de mundos, seres temporários e viveres ambulantes.

Apostamos nas performances como centelhas de vida (DELEUZE, 2002), liberadas quando se está à beira da morte. Mortes que são apresentadas nas políticas unificadoras, como a BNCC, a Reforma do Ensino Médio e em movimentos como o projeto Escola sem Partido, que, se por um lado tentam estratificar, por outro, provocam, arrastam novos viveres, resistentes em outras formas, ao fazer fugir por criações de mundos-outros.

Pensamos que em meio às sucessivas tentativas de cerceamento, os currículos e as relações nas escolas se abrem em performances cotidianas, nas sutilezas, nos silêncios característicos dos devires que deslocam o viver para além de sobreviver, fazendo da criação uma resistência. Buscamos atravessar novos fôlegos, novos possíveis a partir dos encontros e das relações de movimento e repouso, de lentidão e velocidade (DELEUZE, 2002, DELEUZE & GUATTARI, 2012c), pelos afetos de que são capazes, pelos efeitos que produzem.

Partimos da proposição de que, nos cotidianos, as performances podem nos dar pistas de acoplamentos produzidos nos encontros, principalmente em meio às forças conservadoras que tentam incessantemente reduzir a existência e nos enveredar pelas fendas que abrem e desviam currículos. As performances são um exercício de pensar a escola e o currículo como um eterno tornar-se e afirmar a invenção como a mais intensa energia das resistências, pois é no ato de criar que está a pele nova.

A despeito de todo o enquadramento que se tenta impor aos currículos e às estratificações, percebemos que a molecularidade das linhas faz germinar mundos, mesmo mínimos, que se fazem múltiplos por entre fendas. Não entendemos as políticas como paralisantes, mas ressaltamos que a mobilidade das marés não para, e a cartografia, como já citado aqui, não tem outro objetivo que não seja o vento, quando, por exemplo, ouvimos a professora dizer: *“Por isso que eu gosto do ensino médio. Eles vêm com braço tatuado, cabelo colorido, penteado diferente. Você dá uma ideia e eles inventam o resto”* (fragmentos de conversa com professores/as, 2019).

Acreditamos que apesar de políticas como o Novo Ensino Médio, há também, em contrapartida, a brisa que alenta e dá fôlego em viveres cotidianos. Criar uma pele é rasurar um currículo, mar aberto que não comporta redundâncias. Afirmer um currículo no qual o múltiplo se torna substantivo destitui a relação com o uno e resiste, involuntariamente, às estratificações e arborescências por linhas de fuga.

Figura 10: Devir-pele-passagem



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

O devir-pele rasura currículos quando se desfazem dualismos e traçam linhas clandestinas no emaranhado por meio do qual se pretende planejar, estratificar, modelar, ter um norte. Apostamos nas criações cotidianas do novo para desfazer os dualismos de dentro, traçando a linha de fuga que passa entre. Percebemos um Ensino Médio que lateja e faz fugas, como um “estreito riacho que não pertence nem a um nem a outro, mas os leva, a ambos, em uma evolução não paralela, em um devir” (DELEUZE & PARNET, 1988, p. 29). Um currículo pensado na lógica da diferença e da multiplicidade é tecido na pele que está sempre na fronteira, sobre a borda de uma multiplicidade, faz devir, traça uma linha-entre.

As peles das performances inventam correntezas. Jeitos de ser que mareiam a escola e fazem uma pele vibrante. Desses movimentos de um currículo composto com e pela juventude, escorre o devir-pele: um estar-sendo-criança-adulto, uma mistura, o devir-jovem, devir-criança de cada idade. Extratos de peles e fluxos que escapam a dualismos, fazem a pele que passa entre e perfazem uma luta a favor da vida em sua multiplicidade e em sua força de variação. Devir-pele é extrapolar forças invisíveis e evocar a possibilidade de não se fixar, de não ter terra, ser pele momentânea. De não ter chão. Não se instalar e produzir um modo de ser desapegado, um estado de liberdade, uma recusa à referência em direção a uma dissolução.

Assim, acreditamos na potência de um currículo que descama a escola ao brincar de experimentar a liberdade: cria mundos, inventa modos e joga o jogo da vida. Um currículo que cria suas linhas de liberdade. O devir-pele faz resistência às forças da representação como característica fundamental da própria vida, como a própria vida das coisas. Rasurar a pele como via de escape, livre justamente porque não se fixa a uma identidade.

Como invenção, a performance traz possibilidades infinitas de proliferação contra a fixidez das políticas e das reformas. Esses movimentos evidenciam uma investida nos limiares em uma política de vida necessária para afirmar que espaços fronteiriços e não mapeados são fonte de criação. Seguimos, como o poeta, pensando que *uma* vida não se repete, nem é capaz de estancar a deriva do devir:

E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida; mesmo quando é uma explosão como a de há pouco, franzina; mesmo quando é a explosão de uma vida severina (MELO NETO, 2007, p. 28).

Nos arriscamos a trazer as performances como peles inventadas para ressaltar a capacidade das resistências que se criam a partir de cada conexão. São produções, cujas intensidades se emaranham e multiplicam em linhas, assumem formas de organização novas e são atravessadas por forças do mundo. Em um campo de forças múltiplo, afirmam vidas que se metamorfoseiam à mercê do devir. Tentamos, então, pensar mundos possíveis como uma potência vital de resistência às tutelas, às quais qualquer vida está suscetível.

Figura 11: Devir-pele: aliançar



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2019.

Esses movimentos sinalizam também a necessidade de compreender a efemeridade e pensar o currículo por suas peles inventadas e por seus poros, considerando que falta às políticas normativas:

Acreditar, não em um outro mundo, mas no liame entre o homem e o mundo, no amor ou na vida, acreditar nisso como no impossível, no impensável, que, no entanto, só pode ser pensado: “Um pouco de possível, senão sufoco” (DELEUZE, 2013, p. 221).

As peles performances nos dão pistas de que rasurar um currículo pode ser estratégia de escape em busca de fôlego e da potência criadora de uma escola. Um currículo rasurado, mais do que um mundo específico criado, é uma estratégia vital de para criar outros currículos.

Respirar é um desafio. É no movimento da escola que esta pesquisa entende a performance como afirmação de *uma* vida que insiste em respirar, a despeito de tudo que tentem contra nós. O movimento da pele que se forma e deforma, de uma vida implicada na potência criadora e de uma alegria política e insistente. É preciso, sobretudo, devir-pele.

Recebido em: 20/07/2023; Aprovado em: 08/11/2023.

Notas

- 1 O artigo indefinido para escapar da ideia de transcendência: *uma* concerne à imanência e ao deslocamento de um sentido único e rígido.
- 2 Neste texto, as palavras grafadas em itálico remetem a sentidos diferentes dos tradicionais atribuídos a ela. Optamos por pensar com o plural para designar sentidos mais amplos, que potencializam a dimensão de multiplicidade da palavra.
- 3 Esta pesquisa foi produzida no período pós-golpe de 2016. Por consequência, foi afetada pelas fortes marés que movimentaram as escolas.
- 4 Como exemplo de tentativas de cerceamento da educação citamos a Reforma do Ensino Médio, aprovada em caráter de urgência via Base Comum Curricular Nacional – BNCC, que chegou às escolas em 2018, após homologação pelo Conselho Nacional de Educação e o movimento Escola sem Partido – que em 2014 ganhou repercussão e forte apoio de parlamentares e partidos ligados especialmente à bancada evangélica e impulsionou mobilizações conservadoras pelo Brasil.
- 5 Ao discorrer sobre a expropriação de várias instâncias da vida pelo poder, Peter Pelbart (2003) define vida besta como a vida esgotada, esvaziada e resumida ao seu mínimo biológico, transformando os viventes em meros sobreviventes.
- 6 Para Foucault (2004), a racionalidade política determina a forma de gestão das condutas dos indivíduos de uma sociedade e estabelece uma lógica em que os procedimentos da política vão além de distribuir, vigiar e adestrar os indivíduos dentro de espaços determinados: eles pretendem dar conta dos fenômenos amplos da vida biológica. Atuam sobre os fenômenos naturais que se manifestam em uma determinada população.

Referências

- CARVALHO, Janete M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- DELEUZE, Gilles. *Qu'est-ce que l'acte de création ?*. Conférence à la FEMIS, 17 mar. 1987.
- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... *Educação e Realidade*, v. 27, n. 2, p. 10-18, jul./dez. 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2 ed. Trad.: Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* 2 ed. Rio de Janeiro: 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2012a. v. 3.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2012b. v. 4.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2012c v. 5.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.
- PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios sobre biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.